



J. Rosa Nunes
Prof. Doutor

Presidente Bolieiro

Os micalenses parece que não merecem, por parte do governo regional e consequentemente do presidente, a mínima consideração. Subsiste ausência de respostas, diretas e indiretas, sobre os assuntos que nos preocupam e são parte integrante da nossa vida diária, a qual resulta em grande parte da ação política de um governo de coligação em “coma”, devido às suas afirmações, que de há muito tempo me parece caracterizar-se pela falta de políticas estruturadas de modo a garantir o desejado, mais que tudo indispensável, desenvolvimento socioeconómico dos Açores.

No meio de conflitos bélicos com numerosas implicações na nossa vida (onde incluo a utilização pelas forças americanas da Base das Lajes, ao que parece sem pelo menos haver um “miserio” diálogo consigo, enquanto Presidente) de certo nos sentiríamos melhor se verificássemos que tínhamos por parte do poder político regional, principalmente de si que o chefia, uma visão e ação política muito mais consistente com as nossas pretensões.

A otimização do planeamento e execução nos setores da saúde, educação e habitação, com possibilidade de apoio à mobilidade terrestre através dos produtos petrolíferos e ao crescente custo diário de vida, é no mínimo aquilo que merecem aqueles que com o seu esforço/trabalho diário criam condições financeiras para o governo poder atuar. Salvo melhor opinião, isto é efetivamente o que um governo responsável por obrigação deveria fazer.

Novamente, após Berta Cabral na Graciosa, foi o Presidente Bolieiro que, em S. Jorge, nas jornadas atlânticas de turismo, deu a conhecer, como se de uma enorme novidade se tratasse, que enfrentamos um período de “abrandamento” no fluxo de turistas – assumo que deve ter tido um enorme lapso, pois a palavra adequada seria “CRISE” – referindo após anos de alcançar o “crescimento e recordes”. Tudo conseguido com ações políticas desgarradas e controversas.

Foram de facto anos de aparente “crescimento e recordes” – à semelhança de alguns recém nascidos, em países subdesenvolvidos, em que mesmo com o mínimo dos mínimos de condições sobrevivem e crescem de modo natural, embora enfezados e propensos a doenças – mas efetivamente faltou muito no que concerne a atuação do governo regional. Falharam em diversas áreas, daí o estado “doentio e enfezado” numa perspetiva socioeconómica em que a Região se encontra, principalmente no decurso do segundo mandato.

A economia regional está fragilizada, débil. Numa pequena economia, ainda por cima insular e arquipelágica como a dos Açores, uma “constipação” nas finanças regionais (por exemplo, graves “sintomas” de atrasos do governo nos pagamentos a fornecedores, nos subsídios a entregar ou falhas nos inúmeros contratos programas) resulta uma “epidemia/contágio” aos outros setores da economia regional, resultando que quem não recebe não consegue satisfazer atempadamente as obrigações perante outros fornecedores, a não ser recorrerem à banca, com o pagamento de juros. Por arrastamento seguem as famílias. Apenas o governo, Presidente Bolieiro, beneficia muitíssimo com os “atrasos”, por serem financiamentos com juro zero.

Denotando a má organização no setor do turismo, apenas o facto de uma companhia low cost decidir, por gestão interna, prescindir do movimento de/para a ilha de S. Miguel, surgiram consequências negativíssimas para a Região. Nunca o governo previu que tal poderia ocorrer.

Tal não é um “período de abrandamento”. É uma colossal “QUEBRA/CRISE” causada pela perda de cerca de 137 mil viajantes (-7,1%), só em 2026. Dinheiro, resultante da não movimentação turística, que não circulando no setor dos transportes aéreos e que tem efeitos negativos em outros setores de atividade, famílias e até nos impostos recebidos regionalmente. Assumo Presidente Bolieiro, que será fácil concordar com o exposto, por ser demais evidente! É real!

Criaram-se infraestruturas, melhorando em número e qualidade a hotelaria, surgiram hipóteses de maior sustentação financeira mensal nas famílias com o alojamento local, turismo rural e pequeno comércio, criaram-se rent-a-cars, transportes terrestres e de diversão marítima e muito mais. Foi um crescimento, em certos casos oficialmente descontrolado, mas com aproveitamento de oportunidades por particulares, em alguns casos com apoio de programas, baseado no que parecia ser um “promissor” futuro movimento turístico, embora assumindo a sua sazonalidade.

Por várias vezes, como presidente do governo, afirmou que tínhamos um nível de emprego significativo e, embora não concorde de modo nenhum consigo, que “estávamos a viver melhor”. O “motor turismo” que criou algumas condições favoráveis à Região, “gripou” antes de atingir um nível constante e seguro. Presidente, esqueceram-se do inevitável óleo no motor! Incrível!

Neste momento e devido à “inércia do governo regional” de que é responsável, nas palavras de um representante do Turismo de Portugal, estamos a afundar-nos economicamente e sem perspetiva de melhorar. Algo deve ou melhor TEM, de ser feito no sentido da inversão desta tendência. Isto é impossível de não se sentir/ver, até por VOCÊS responsáveis governamentais.

O “abrandamento” a que se refere, Presidente Bolieiro, é uma “selfie” de momento, um instantâneo. Aqui trata-se de um filme (diria de terror, se não fosse simpático...) vivido quase há um ano, que tem incomensuráveis consequências de mês para mês. Permita que lhe repita, em diversos setores da economia açoriana, com efeitos negativos na vivência diária das famílias e pior, comprometendo o futuro dos nossos filhos e netos, que merecem muito mais que “isto”.

Deixar de pensar que, todas estas comemorações e jornadas que ocorreram no grupo central organizadas pelo governo regional, na sua pessoa e da secretária dos transportes, não foram uma “FUGA”, é impossível. Tentou “disfarçar o indiferecimento”. Não encarar os problemas do turismo na ilha onde qualquer estatística oficial, por mais que “vasculhe”, não encontrará uma onde S. Miguel não represente um valor superior a 50%. Isto é como a avestruz faz “enfia a cabeça na terra, até passear a situação”, claro que o “dito cujo” fica virado para o ar. Vê-se!!!

Tal como na semana passada sugeri à responsável (será?) pelo turismo, o governo regional por respeito aos residentes/profissionais de S. Miguel, deve promover uma “reunião”, sem qualquer enquadramento comemorativo, de jornadas ou partidário, para que seja discutida publicamente a problemática do turismo açoriano. Sem qualquer receio de críticas ou conflitos, mas com o mais elevado sentido de responsabilidade e a favor de todos NÓS. A Região merece-o!!!

Esta reunião não deverá ter limite de tempo, com inscrição antecipada e número limitado de questões por interveniente. Estarei presente, Presidente Bolieiro! De certeza que não estarei sozinho na sala, a qual terá de ser suficientemente grande, pelo que antevio de assistência interessada. Vamos a isso? O futuro, até baseado no que escrevemos para lhe chamar a atenção, Presidente Bolieiro, será quem o valor julgar (até politicamente) pelas SUAS indecisões!

Segundo deduzo foi uma questão financeira ligada a custos adicionais para a Ryanair que, em parte, originou a perda de turistas. Fica uma pergunta: independentemente das “novas e numerosas”(?) companhias aéreas a operar, segundo Berta Cabral, porque não comparar o que teria custado à Região a satisfação das exigências “adicionais” da Ryanair, com o valor que se perdeu no período – na economia, famílias e respetivos impostos – resultado da redução estimada de milhões de euros, no período, e de 137 mil turistas? Suponho que a Região, devido a uma má decisão política, perdeu muito dinheiro! A quem responsabilizar pela decisão?

Entenda Presidente Bolieiro que, apesar das divergências de opiniões que existem entre nós neste e outros assuntos, a intenção é o progresso dos Açores no seu TODO. O desenvolvimento de S. Miguel, pelas suas características, é fundamental para providenciar, por exemplo, através dos impostos que o erário regional recebe, o crescimento em TODAS as outras ilhas, claro que com as contribuições financeiras que lhes são próprias. Tenho a certeza que reconhece, que o desenvolvimento sustentado regional não se consegue só com a resolução dos problemas da área do turismo, pois existem outros nos setores económico, social e familiar da Região.

Merecemos a discussão assertiva e fundamentada destes assuntos, permitindo que os nossos jovens não “encontrem motivos” no futuro, se calhar mais próximo do que desejaríamos se assim tal continuar, deixem o arquipélago ficando a Região mais pobre e ao contrário do que apregoam.

Subscrevo-me, Presidente Bolieiro, aguardando expectante a decisão da reunião.... Tão simples.